

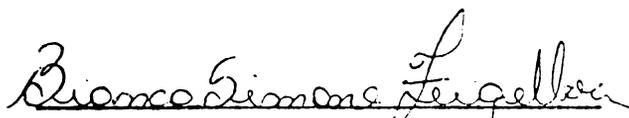
" A INFLUÊNCIA DO PROCESSO LÚDICO NA
ESTIMULAÇÃO DA FALA, EM CRIANÇAS POR-
TADORAS DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA."

Trabalho para conclu-
são do curso de especialização
em educação especial -
Universidade Federal do Paraná
- Setor de Educação.

CURITIBA - PARANÁ

1988

A INFLUÊNCIA DO PROCESSO LÚDICO
NA ESTIMULAÇÃO DA FALA, EM CRIANÇAS
PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA
POR:


Bianca Simone Zeigelsoim

Orientador:

Mariléia G. B. de Almeida

PROFESSORA

A G R A D E C I M E N T O S

— Aos meus pais, pelo apoio e incentivo.

— A todos que, de alguma forma, cooperaram para que eu vencesse esta etapa com êxito.

" Brincando é a maneira pela
qual a criança aprende o que
ninguém pode ensiná-la!"

LAURENCE FRANK

S U M Á R I O

	PG.
Agradecimentos	ii
1 - Introdução	01
1.1-Justificativa	02
1.2-Objetivos	03
2 - Desenvolvimento	05
2.1-Deficiente Auditivo	05
2.2-Família	11
2.3-Níveis de experiência	13
2.4-Linguagem e seu desenvolvimento	18
2.5-Jogos que promovem o desenvolvimento da linguagem	26
2.6-Jogos preparatórios para a aprendizagem da fala em crianças deficientes auditivas no período pré-escolar	27
2.7- A importância da respiração	29
2.8- A importância da emissão da voz	31
2.9- A importância dos órgãos do aparelho fonador	32
3 - Atividades lúdicas propostas	33
4 - Metodologia	36
5 - Conclusão	40
6 - Referências bibliográficas	41

I N T R O D U Ç Ã O

Os jogos para desenvolver a fala não são brinquedos no sentido comum do termo. —

Não servem apenas para manter a criança entretida . Sua finalidade primeira é a de ajudar a criança a desenvolver a linguagem.

Isto porém, somente será possível, se a criança, ao jogar, tiver a companhia de um parceiro falante. Sem esta atividade lúdica não tem esta capacidade, este efeito de ajudar a criança deficiente auditiva no seu desenvolvimento linguístico.

Por isto tão logo o jogo tenha terminado, convém que se guarde o material na respectiva caixa ou cesta. Ele não deve ficar ao alcance da criança para brincar. Ela se cansará logo dele, porque deixou de ser uma atividade organizada com a participação dela e o de outra pessoa.

Pelo contrário, se este material, só é dado a criança na hora do treino, ele é desejado por muito tempo sem ser desmerecido pela criança e sem perder o interesse e a atração pelo mesmo.

Desta atitude frente ao material de jogos, depende em primeiro lugar o sucesso ou insucesso do treinamento.

Pelo mesmo motivo, não se deve mostrar a criança os novos jogos e brinquedos que se destinam ao treinamento linguístico, antes de usá-los. Deste modo, mantém-se o fator surpresa e a criança não encontra motivo para incomodar a mãe, querendo que ela lhe mostre ou lhe dê o brinquedo fora de hora. Isso ajuda a educação da criança e evita problemas desnecessários entre a mãe e seu filho deficiente auditivo, pois se a criança receber os brinquedos ou peças de jogos destinados a um treino orientado, pode ocorrer que ela queira realizar o jogo sem ter ainda as condições para isto e acaba se prejudicando mais do que poderia ser ajudada.

J U S T I F I C A T I V A

Tendo em vista encontrado inúmeros casos de baixo rendimento pré-escolar em crianças portadoras de deficiência auditiva com aplicação do método tradicional, sentiu-se necessidade de se adaptar uma nova metodologia que possibilite um maior interesse e motivação infantil, desta forma surge o método lúdico como alternativa de melhorar o processo de ensino pré-escolar com crianças que apresentam dificuldades diante do método tradicional.

OBJETIVOS

- Promover jogos que visem a exercitação da linguagem oral do deficiente auditivo.

- Promover diferentes tipos de jogos que propiciem melhor estimulação da fala.

- Aplicar jogos que estimulem a manipulação das estruturas frasais aliada a expressão oral.

- Desenvolver jogos que visem o aprimoramento da capacidade de expressão oral aliada ao nível semântico da criança.

- Aplicar diferentes tipos de jogos que possibilitem um melhor desenvolvimento das funções cognitivas superiores.

- Promover diferentes tipos de jogos que estimulem a atenção da criança.

Aplicar diferentes jogos que empreguem o uso da entonação para que a criança possa apresentar uma melhor expressão oral.

2.1 - DEFICIENTE AUDITIVO

Sabemos que surdez é a diminuição da capacidade da percepção normal dos sons.

Existem muitas crianças que podem ter nascido com a deficiência auditiva ou ter perdido a audição após o nascimento. Quando isso acontece, ela deve ter muitas dificuldades para adquirir a linguagem oral.

Dependendo do grau da perda de audição, a criança poderá adquirir uma linguagem com apenas alguns defeitos, uma comunicação muito limitada, podendo ainda, não chegar naturalmente à oralização, se a surdez for mais grave.

Os problemas da linguagem irão dificultar a comunicação da criança com a família, sua vida em sociedade, sua aprendizagem na escola. Se a criança não for amada, compreendida e ajudada em suas dificuldades, poderá ainda ter problemas emocionais.

É muito importante que a aceitação da deficiência comece na própria família, onde a criança precisa receber amor, compreensão e ajuda para vencer as limitações impostas pela deficiência. Além disso, de acordo com suas necessidades individuais precisará receber uma educação especializada, a qual deverá começar o mais cedo possível, de preferência durante o primeiro ano de vida.

A surdez compreende todos os graus de falha na recepção auditiva.

É considerado surdo toda pessoa que apresenta uma perda acima de 25 decibéis em testes audiométricos, consideradas as frequências de 500 - 1000 - 2000 Hertz que é a zona da fala.

Os tipos de surdez existentes são: surdez de transmissão ou condutiva:

- Surdez neuro sensorial.
- Surdez mista.
- Surdez central.

A surdez se classifica em:

Não há esforço de imaginação que possa dar a uma pessoa normal, uma idéia do que seja ser surdo.

A surdez suprime a capacidade de fruir os sons que envolvem o ser humano e principalmente o priva de ouvir o outro e sua própria voz, não ouvir a língua falada fecha ao surdo a comunicação mais comum utilizada por todos: a comunicação oral.

Um gesto, um livro, uma dança, um quadro sem dúvida comunicam, mas não substituem no cotidiano a linguagem oral.

A simples observação leva a constatar que portadores de outras deficiências - deficiências físicas, deficiência visual, competem e convivem harmoniosamente com os ditos normais, fato que não ocorre com os deficientes auditivos. Não podemos negar as dificuldades que existem para a integração, pois lhe falta a condição básica à comunicação oral. Mas junto com esta barreira há aspectos positivos que devem ser aproveitados. A grande capacidade de concentração, a percepção visual apurada, a franqueza, a perseverança são características facilmente encontradas no deficiente auditivo.

O intensivo trabalho de muitos, particularmente pedagogos está sempre ampliando as fronteiras da reeducação dos deficientes auditivos e revelando suas potencialidades e capacidades. O Ensino Especial que lhe é ministrado já conta com ponderáveis e eficientes recursos técnicos e procura, através de métodos e técnicas de ensino, aproveitar a audição residual com a colocação de próteses auditivas; desenvolver a comunicação oral e desenvolver uma escolaridade tão próxima quanto a possível, do ensino regular.

A educação ou reeducação especial, como queiram é o caminho. E este caminho, não deve ser curto, nem improvisado.

A escola ideal para a reabilitação do deficiente auditivo deve ser de tal maneira aberta e flexível, que proporcione a cada um, oportunidades de escolha variada, de acordo com o interesse, aptidões, possibilidades individuais, familiares e comunitários.

O papel da escola especial no Brasil extrapola, em virtude de nossas condições sócio-econômicas, culturais, a educação formal. Deve para que a educação obtenha resultados

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA SURDEZ:

Hereditárias, congênitas ou biológicas:

- Quando há uma alteração nos gêns que se transmite segundo combinações congênitas.
- Consangüinidade.
- Teoria de Mendel (fator recessivo - anomalia de gens).
- Lesão endócrina - hormônios, metabolismo basal.
- Síndrome de Wardembourg.
- Anomalia do espermatozóide ou do óvulo.
- Rubéola.
- Sífilis.
- Epilepsia.
- Alcoolismo.
- Otosclerose hereditária.
- Intoxicação da mãe durante a gestação.
- Quedas durante a gestação.
- Toxoplasmose (vírus quando ataca as células do baço).
- Varicela.
- Sarampo.
- Herpes (3 a 4 meses).

Causas pós-natal patológicas e adquiridas:

Otitis.	—	Encefalite.
Meningite.	—	Icterícia.
Sarampo.	—	Paroditite.
Escarlatina.	—	Antibióticos.
Febres altas sem diagnóstico (vírus).		
Senilidade.	—	Trauma nervoso.
Poluição sonora.		

Causas neo-natais:

Prematuros.	—	Placenta Prévea.
Fórceps.	—	Parto demorado.
Anóxia.		
Eristoblastose Fetal - RH negativo.		
Causas sem diagnóstico.		

Causas psíquicas ou falsa surdez:

Cerumem.	—	Amigdalites.
Adenóides.	—	Autismo.
Retardo mental profundo.		

As novas descobertas científicas tem aberto novos caminhos, com amplificadores, filtragem, próteses adaptadas, determinação do diagnóstico, planos educativos, métodos adequados, tratamento médico-cirúrgico, levando os especialistas a terem melhores condições de evoluírem no trabalho com os surdos.

O campo da surdez é extenso e complicado, há uma variedade de problemas que implicam em seu estudo.

A dificuldade da criança surda em adquirir a fala de maneira corrente é a sua impossibilidade de ouvir a fala dos ouvintes, sendo esta a mais comum.

Contudo as deficiências orais e auditivas dos surdos são mais amplas do que isso.

Participar de uma linguagem comum é requisito prévio para a plena integração da criança na família, na comunidade e na sociedade. Ouvir e falar adequadamente são de grande ajuda para o comportamento cooperativo.

Os sons mesmo não verbais atuam como guias de comportamento e da compreensão. Ouvir e falar são as duas fontes básicas de informação e meios de interação social e o sentimento de segurança pessoal de cada um, na aprendizagem e manutenção não verbais.

A criança portadora de deficiência auditiva falta -lhe muito mais que a sua capacidade de ouvir outras pessoas de audição normal. A perda auditiva resulta num meio informativo empobrecido, mas também acarreta uma restrição de incentivo da criança para explorar o mundo.

Para que esta venha a despertar para o mundo é necessário um treinamento e métodos especiais.

Trata-se pois de educar o deficiente e formá-lo socialmente, aprendendo desta forma a viver normalmente na sociedade a que pertence.

A linguagem é muito importante; é através dela que se julga os outros e a nós mesmos, aprende-se a desenvolver as tarefas da vida. Atualmente existem possibilidades de constatação precoce, por volta de alguns meses de vida. Quanto mais cedo se inicia o trabalho com o deficiente auditivo, mais condições terá-se-a de fazer uma boa reabilitação e a integração para que entre em contacto com o mundo e com pessoas que o

Mas tudo isso só é possível quando a criança recebe uma educação adequada, carinho e atenção.

Todo aquele que porta uma deficiência auditiva tem a capacidade de viver e de se realizar, senão na plenitude , pelo menos como expressando o máximo das suas potencialidades no nível, em que se encontra e se realizando como pessoa.

2.2

F A M Í L I A

A família é a única instituição que proporciona através da vida afetiva, a segurança necessária para o desenvolvimento e crescimento harmônico como pessoa.

Os contactos dos filhos surdos com seus pais e irmãos são necessários para uma relação afetiva que irá proporcionar um clima de alegria, compreensão e responsabilidade que uma família equilibrada deve criar.

A aceitação da família em relação ao filho surdo exerce um papel fundamental na reabilitação do mesmo. Os filhos necessitam de seus pais que devem criá-los de forma profunda e amorosa.

Para resolver esse problema, no início pode parecer que a falta de comunicação com o surdo seria impossível, entretanto se a família realizar um pequeno esforço, supera a angústia que vinha proporcionando a falta de audição de seu filho e é capaz de ver as imensas possibilidades educativas que existem e podem ser utilizadas.

A comunicação não será obstáculo para conseguir a integração total no seio da família e não será difícil, encontrar recursos apropriados para se fazer essa integração familiar e com o meio social.

Assim a família que exerce um papel importante na vida da criança, precisa de uma preparação, usar recursos adequados, técnicos que auxiliam o perfeito desenvolvimento emocional e intelectual do deficiente.

A preparação é muito mais fácil do que a princípio pode-se supor-se. A regra mais importante que se deve ter presente é a constância, a perseverança nas atitudes e ações no dia a dia. Um dos pontos também importante é a criança crescer num ambiente falante.

Esforços especiais devem ser feitos para reforçar as reações da criança aos sons e as suas vocalizações espontâneas.

cial. é consequência natural de sua insegurança psicológica originadas na infância.

O surdo precisa sentir-se membro da família em igualdade com os irmãos.

Pela dificuldade inerente do próprio deficiente, a criança deve ser estimulada a ter o máximo de contacto social com outras crianças, o que favorece sua socialização tão dificultada pela precariedade da comunicação.

A família, especialmente os pais, exercem grande influência. Deles depende a segurança que a criança sentirá para iniciar novos contactos com outras crianças de sua idade.

Quanto mais segura sentir-se em relação aos seus familiares, mais encorajada estará para buscar outras experiências gratificantes.

Quando o deficiente auditivo recebe todos os auxílios em casa, seu rendimento é mais elevado a cada dia e poderá tornar-se uma pessoa capaz de enfrentar a sociedade que atualmente exerce algumas barreiras.

Estas barreiras poderão ser superadas por eles expressando suas capacidades desfazendo assim uma imagem pré-concebida e generalizada sobre os mesmos.

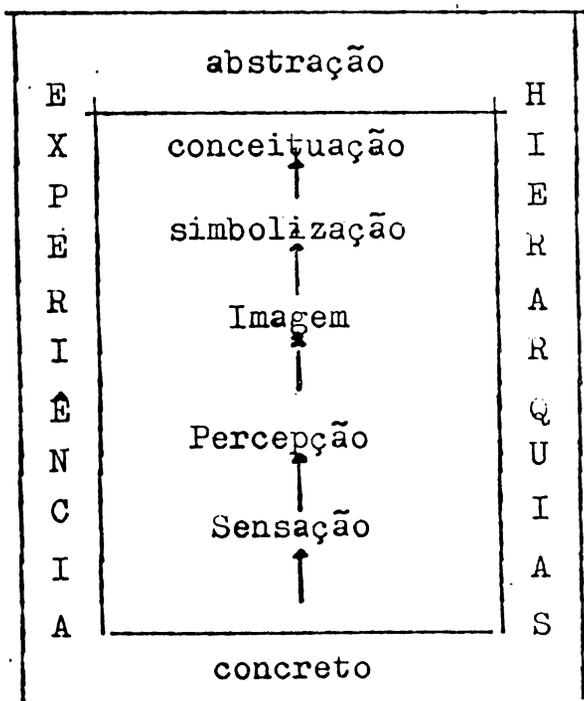
Deve-se crer que eles fazem parte do nosso mundo e tem deveres e direitos como nós.

2.3 - NÍVEIS DE EXPERIÊNCIA

Embora muito se tenha aprendido a respeito do comportamento da linguagem, há pouca uniformidade quanto aos pontos de vista e as teorias relativas à sua natureza e desenvolvimento. Em relação a este fato, tem sido reveladores os estudos daqueles que apresentam desordens de comunicação, e em especial o estudo daqueles que apresentam surdez desde a idade pré-lingüística.

A experiência constitui a base de todo comportamento lingüístico. A linguagem é o instrumento, a ferramenta, o meio pelo qual a experiência é simbolizada e comunicada. Se a própria experiência é alterada, se é constituída diferentemente, então o significado é modificado. Enquanto a experiência não puder ser completamente descrita, é proveitoso encará-la em termos de níveis de hierarquias. Assim podemos comparar a experiência do sensorialmente privado com a experiência daqueles que tem audição normal.

As hierarquias de experiências podem ser categorizadas nos níveis de sensação, percepção, imagens, simbolização e conceitualização, como é mostrado no esquema abaixo.



do, o nível de simbolização pode estar afetado, como no caso da dislexia, sem afetar os níveis abaixo da simbolização. Contudo, não se deve pensar que esses níveis sejam dicotômicos, mas sim que se sobrepõem aos estágios de desenvolvimento. Além disso, todos os níveis operam simultaneamente no ser humano maduro normal.

Tem havido progressos no desenvolvimento de testes objetivos para medir a função representada por cada um destes níveis. Tais testes são essenciais para o diagnóstico diferencial adequado, e quando se dispuser de técnicas mais refinadas, eles fornecerão um meio mediante o qual a natureza do intelecto poderá ser melhor compreendida. Além disso, tornarão possível estabelecer uma base mais objetiva para a terapia diferencial da linguagem e para o treino educacional. Um indivíduo que apresenta maior debilitação no nível da percepção, requer treino e terapia diferentes daquele cujo déficit maior está no nível da simbolização. Para amenizar a complicação, o treino de habilitação deve ser focalizado ao nível dos déficits específicos de experiência que estão afetados.

SENSAÇÃO:

A sensação refere-se à atividade do sistema nervoso resultante da ativação de um determinado órgão sensorial. Por exemplo, um indivíduo pode ouvir um som, mas ser incapaz de dar significado ao que ouve. Tal sensação, sem percepção, frequentemente indica a presença de uma agnosia. Curiosamente o nível de sensação pode estar impedido por ambas as condições orgânicas e psicológicas.

PERCEPÇÃO:

A percepção tem sido definida de vários modos. Allport proporcionou uma revisão crítica das escolas primárias do pensamento e contribuiu para a compreensão deste processo psicológico básico.

Strauss, em seu trabalho com crianças apresentando déficits neurológicos, definiu a percepção como sendo a atribuição de significado ligado a sensação.

Há concordância geral em que, ao nível da sensação,

é encarada como sendo primitiva e presente em todas as formas da vida animal e humana.

IMAGEM:

O estudo da psicologia da surdez torna-se difícil quando não se leva em conta o conceito de imagem. Embora os filósofos tenham ressaltado que não há pensamento sem palavras, é evidente que a criança surda desde o nascimento empenha-se no pensamento antes de ter adquirido a linguagem verbal.

Uma outra possibilidade é que elas são, em primeiro lugar, dependentes da imagem. Não se deveria pensar que palavras e imagens necessariamente representam níveis dicotômicos, palavras igualmente podem servir como imagens. Não obstante, a imagem difere dos símbolos verbais por ser mais pictográfica e mais ideográfica. Em vez de usar uma palavra para representar o objeto, um aspecto do próprio objeto é evocado e usado para o processo do pensamento. Aquilo com que ele se assemelha, o modo como soa, e como é percebido, constituem a imagem. Tal processo, por não ser verbal, é representacional; a imagem representa o objeto. Esta é a primeira demarcação entre percepção e imagem.

Filogeneticamente, o homem aparentemente, usou imagens antes de ter adquirido a linguagem. Do mesmo modo ontogeneticamente, a criança parece fazer uso de imagens antes de adquirir a linguagem verbal.

Conforme o esquema apresentado anteriormente, a imagem, quando comparada ao simbolismo verbal é encarada como sendo mais concreta. Embora a imagem seja um aspecto essencial do comportamento humano, o homem consegue um grau mais alto de representação simbólica.

Todas as formas de vida animal experimentam sensação e percepção, enquanto que somente o homem atinge o nível de simbolização e conceitualização.

COMPORTAMENTO VERBAL SIMBÓLICO:

Linguagem é um sistema arbitrário de símbolos usados para representar idéias, objetos e sentimentos. Este nível de comportamento caracteriza-se por não ser dependente da própria experiência; a simbolização torna possível a reexperimentação sem a ocorrência, a circunstância ou os estímulos estarem presentes. Simbolizar é ser capaz de interiorizar a experiência, comunicar com os outros.

A imagem também torna possível a representação e a manipulação mental. Contudo, em comparação com o símbolo, ela não está tão deslocada da experiência atual. O comportamento simbólico é mais flexível, sutil e abstrato.

O homem utiliza ambos os símbolos, verbais e não verbais. Mitologia, arte, religião e música estão repletos com ilustrações de símbolos não verbais. Embora o uso de símbolos não verbais pelo homem seja um fato intrigante e de importância na psicologia da surdez, é principalmente através de palavras que manipulamos a experiência e somos capazes de nos comunicar com os outros.

CONCEITUALIZAÇÃO:

Conceitualização é o processo através do qual experiências podem ser classificadas e categorizadas segundo certos princípios ou elementos comuns. Este é o mais alto nível de comportamento já conseguido e, como ocorre com a simbolização é um processo exclusivo do homem.

O estudo da conceitualização levanta a complexa questão se este nível de comportamento é diretamente dependente da linguagem; Heider, Aléron tem mostrado que crianças surdas conceitualizam eficientemente, mesmo quando a linguagem verbal esteja limitada. A conceitualização não verbal pode ser possível através da categorização de imagens, mas é improvável que os níveis normais de abstração sejam alcançados. Embora a conceitualização pareça de abstração sejam alcançados. Embora a conceitualização pareça não estar limitada à função verbal simbólica, é altamente dependente desta.

conceitos.

Contudo, quando a sensação auditiva está ausente ou presente apenas em grau mínimo, a natureza de sua percepção, da formação de imagens, símbolos e conceitos é alterada. Os níveis de simbolização e conceitualização são mais afetados; é impedido o desenvolvimento de certos tipos de comportamentos abstratos. Presumivelmente, o indivíduo com surdez profunda desde tenra idade é altamente dependente da elaboração de imagens visuais, o que pode ser um fator predominante na restrição imposta em seu desenvolvimento psicológico, bem como na concretização que resulta.

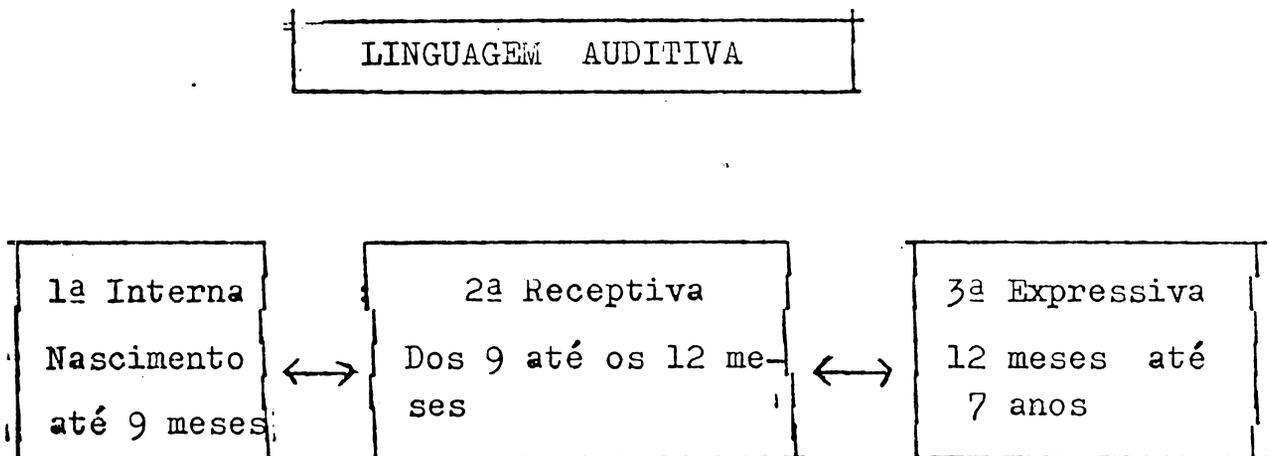
A linguagem é um fator crítico na aquisição dos níveis superiores de experiência. Quando a relação entre surdez e cada um desses níveis de experiência estiver esclarecido, poder-se-á elaborar novas abordagens aos problemas de aprendizagem e ajustamento.

2.4. LINGUAGEM E SEU DESENVOLVIMENTO

Muito se pode ganhar, considerando filogeneticamente o problema do desenvolvimento da linguagem.

É evidente que o primeiro sistema verbal adquirido pelo homem era o auditivo. Primeiramente, ele não aprendeu a ler ou a escrever, mas sim a compreender a emissão vocal dos outros e o falar. Este padrão filogenético de linguagem auditiva desenvolvendo-se antes do visual, também é visto ontogeneticamente. A criança não aprende primeiro a ler; ela aprende a compreender e a usar a palavra falada.

Os estágios do desenvolvimento na aquisição da linguagem auditiva são mostrados esquematicamente abaixo:



Como mostra a figura acima a criança primeiramente adquire experiências significativas. Ela não aprende primeiro as

palavras e depois o sentido; significação e experiência precedem a aquisição das palavras para simbolização; é a base da linguagem interna.

A medida que esse processo se desenvolve a criança pode pensar em palavras o processo de ensaio e erro mental; ela pode agrupar e classificar suas experiências, pode "falar consigo mesma".

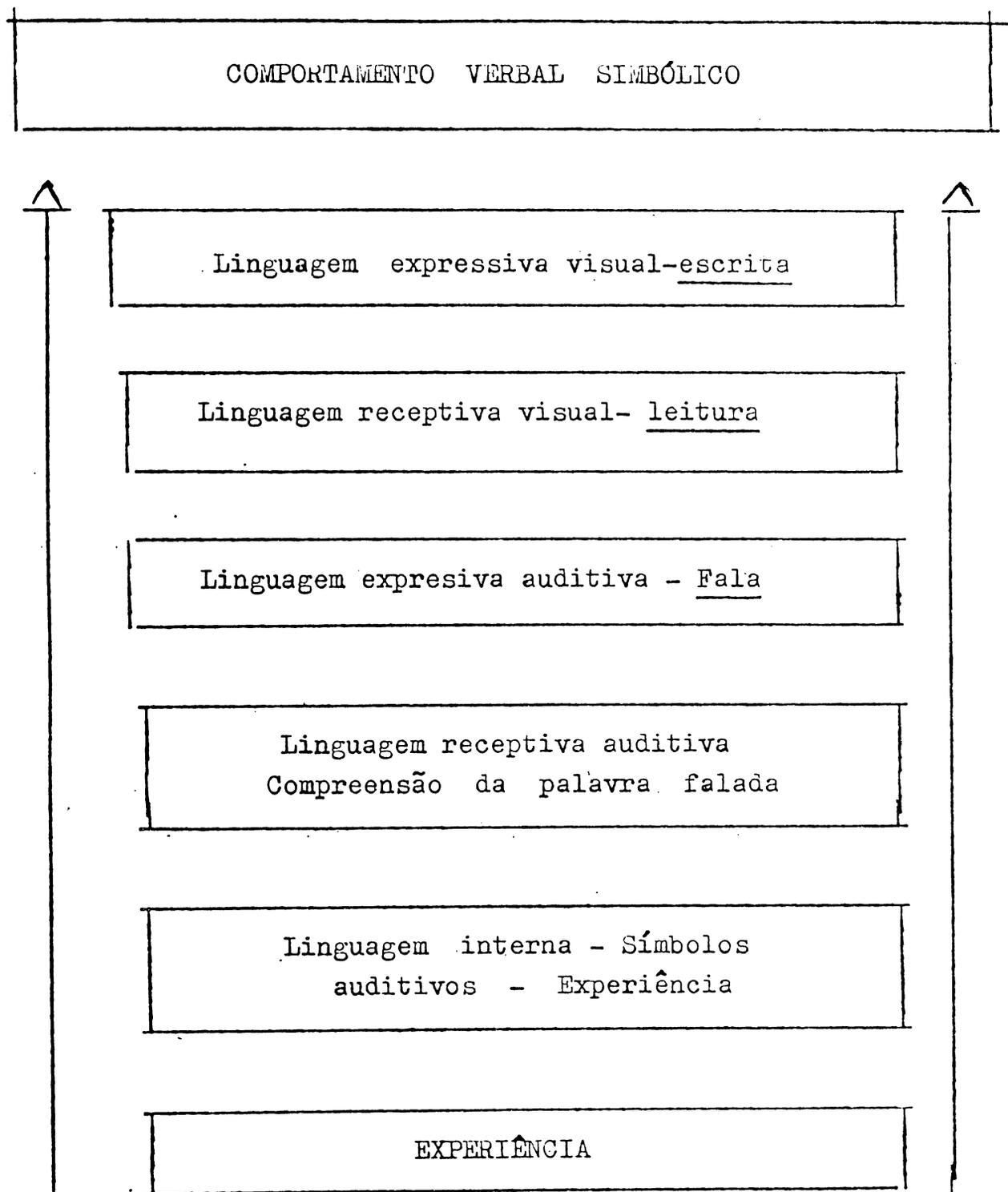
É requerido um período de seis a nove meses para o desenvolvimento da linguagem interior antes que possa ocorrer a compreensão da linguagem falada. Quando a linguagem interior estiver estabelecida em grau mínimo, a criança começa a compreender. Agora ela pode internalizar a palavra de uma forma rudimentar. No começo ela pode fazer isto somente com palavras que simbolizam experiências básicas, tais como comer e funções motoras. Esse processo de relacionar as palavras que recebe auditivamente com as experiências é a base da linguagem receptiva. Como mostra o esquema anterior, a medida que a linguagem interior aumenta, a linguagem receptiva é ampliada; é estabelecido um processo de "feedback" recíproco. Após ter estabelecido um mínimo das linguagens interior e receptiva, a criança começa a utilizar expressivamente a palavra falada.

Geneticamente, este processo começa por volta de tres meses após a compreensão inicial. As primeiras palavras faladas pela criança, assim como sua linguagem receptiva inicial são concretas; nomes de objetos, ou atos específicos. O uso da palavra falada para relatar experiência a outros, constitui a base da linguagem expressiva de tipo auditivo. Outra vez uma reciprocidade e "feed - back" são notados. A medida que a criança fala, ela engrandece sua linguagem receptiva e sua linguagem interior. Pelo desenvolvimento vemos que o padrão, ou sequência, é: primeiro aquisição da linguagem interior, depois a linguagem receptiva e por último a linguagem expressiva. A linguagem receptiva pode se desenvolver somente depois que a linguagem interior tenha sido iniciada, e a linguagem expressiva pode ser efetuada somente depois que a compreensão tenha sido estabelecida; "out - put" - "in - put" de modo que a criança fala somente após ter compreendido.

Por volta de dois anos de idade, ela tem considerá -

com a palavra falada.

Um esquema ilustrado a hierarquia desenvolvimental da linguagem verbal e apresentado na figura abaixo:



A base fundamental de toda a linguagem é a experiência , e uma experiência significativa precede a aquisição de um simbolismo verbal para a experiência.

a simbolização".

Umá das razões pela qual a criança surda desde idade precoce depara com difícil problema na aquisição da linguagem, é que sua norma de experiência desvia-se do normal. É mais difícil para ela adquirir o "significado" que está associado com a palavra.

Um indivíduo poderia ter uma disgrafia, sendo incapaz de escrever, sem estar com suas outras funções de linguagem afetadas. Isto é possível porque a escrita é a última função da linguagem a ser adquirida, e por esta razão é superposta aquelas que foram adquiridas mais cedo. Em contraste, se a linguagem auditiva receptiva não pode ser estabelecida devido a surdez, então a aquisição de todas as funções de linguagem que se seguem estarão impedidas.

A criança com deficiência auditiva desde a infância, tem acentuado retardamento em todos os aspectos da linguagem.

Devemos inferir que quando a linguagem auditiva está ausente, ou apresenta sério impedimento, as linguagens de leitura e escrita ficam restringidas em base recíproca. Este conceito de reciprocidade ou "feed back" é útil para a compreensão da hierarquia total dos sistemas de linguagem. No nível auditivo nos enfatizamos que a recepção deve preceder a expressão. Este requisito também é válido para a leitura e para a escrita.

Como a fala é a fase expressiva da recepção da palavra falada, a escrita é a fase expressiva da palavra visual, isto é, da leitura. Em outras palavras, não se fala até que se compreenda a fala, e não se escreve até que se compreenda a palavra escrita até que se leia. Esta é a maior implicação da hierarquia do desenvolvimento das funções da linguagem humana. Este conceito é enfatizado aqui devido a sua importância para a compreensão do marcante problema encontrado na criança surda.

Nenhuma criança nasce com a linguagem, mas normalmente nasce com a capacidade de adquiri-la sem esforço consciente. Igualmente espera-se da criança surda que adquira linguagem, porém devido a importância da linguagem auditiva no sistema simbólico verbal humano, ao fazê-lo, ela se confronta com um dos maiores problemas de aprendizagem conhecidas.

O estudo dos problemas de aquisição da linguagem em

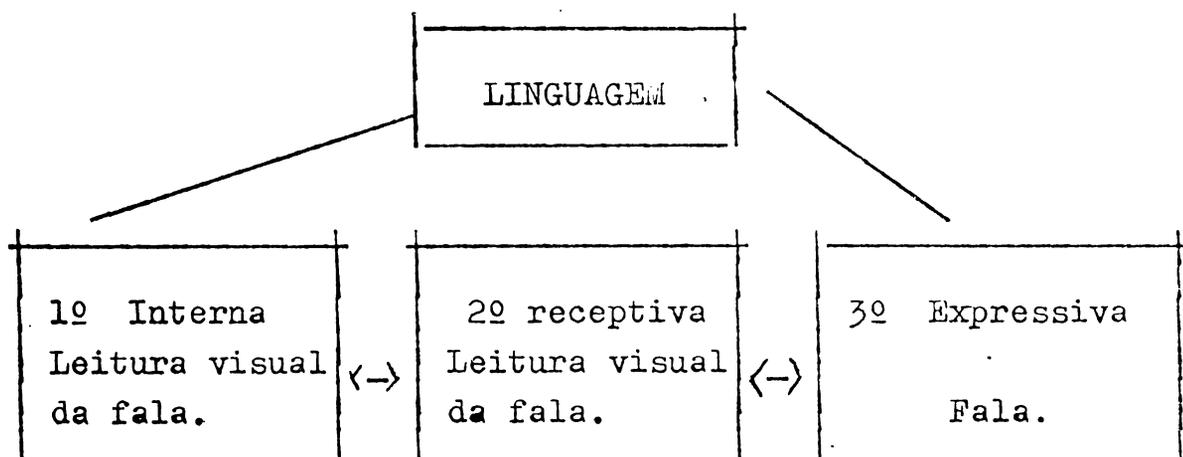
va, pois a forma lida é adquirida bem mais tarde. É possível para a criança surda ter primeiro a linguagem auditiva. Seu sistema simbólico de necessidade pode ser visual ou tátil - cinestésico, ou provavelmente pode ser uma combinação dos dois.

Para a criança surda a visão é o canal básico de monitoração. Além disso é um dos canais sensoriais através dos quais o homem caracteristicamente adquire a linguagem.

A leitura labial apresenta limitações, quando comparada à linguagem auditiva, sendo este o mais adequado sistema de linguagem receptiva quando a surdez está presente.

Se a leitura labial fosse ensinada como sendo a linguagem básica, a criança surda aprenderia a compreender a palavra falada por este meio, e ela constituiria seu sistema simbólico básico de linguagem interior.

A criança surda, como a criança ouvinte, não fala até que tenha internalizado a palavra de alguma forma; a palavra deve ser estabelecida como uma linguagem receptiva interna e significativa antes que possa ser produzida como uma linguagem expressiva significativo. A fala seria esperada e enfatizada somente depois que se tenha adquirido um mínimo da linguagem receptiva e interna.



O esquema acima desenhado apresenta a seqüência do desenvolvimento na aquisição da linguagem verbal pela criança surda. Conforme mostra a figura, existe uma diferença fundamental entre surdo e o ouvinte, quanto ao processo envolvido na aquisição do primeiro sistema básico da linguagem.

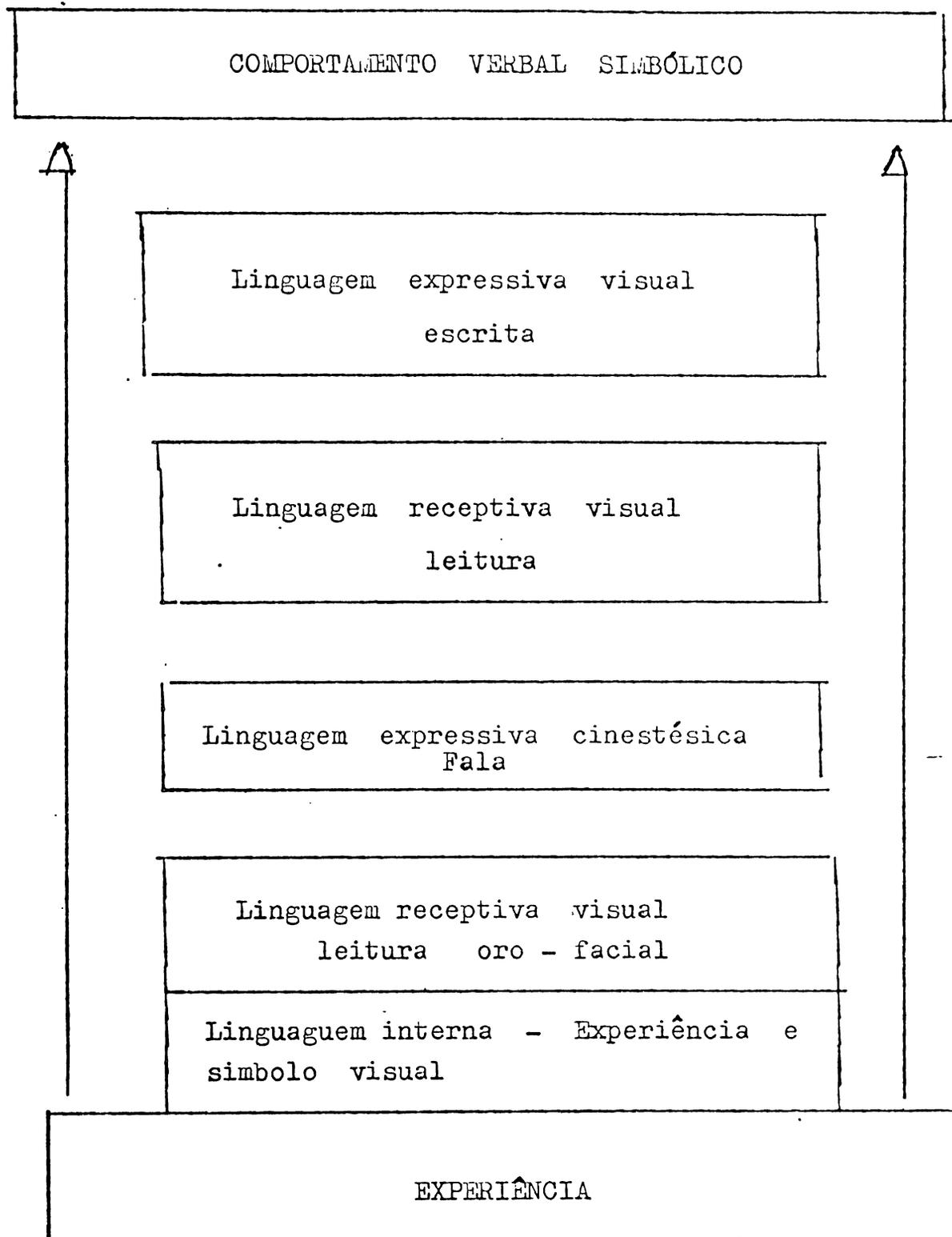
A criança ouvinte adquire um sistema simbólico in-

qual adquire a sua linguagem interior e receptiva. Seu sistema simbólico visual, leitura orofacial, deve ser convertido num sistema tátil-cinestésico para falar, ou seja sua linguagem falada deve ser monitorada através de um canal diferente daquele que é usada para monitorar sua linguagem receptiva. Esta necessidade de mudar ou substituir um sistema monitor por outro é típico de pessoas com surdez profunda. Sendo assim ambas as linguagens - receptiva e expressiva - são monitoradas pelo canal tátil-cinestésico, é por esta razão que alguns indivíduos surdos - cegos adquirem facilidade de linguagem que excede a do surdo.

Quando a criança surda emite vocalizações, não está monitorando essa vocalização através da audição. Ela aprendeu que quando produz uma sensação cinestésica em sua garganta ela recebe atenção. Tipicamente ela aprende isso entre oito e dez meses de idade.

Contudo a monitoria cinestésica de vocalizações auditivas atinge um alto grau de precisão, o que explica as amplas flutuações de altura e sonoridade características da fala daqueles que tem deficiência auditiva.

Quando há surdez, a hierarquia dos sistemas simbólicos verbais é diferente especialmente quando a perda é profunda, ou em idade precoce. Para mostrar melhor o problema da monitora e a hierarquia dos sistemas simbólicos envolvidos na aquisição da linguagem pela criança surda, apresenta esquema abaixo para uma melhor visualização.



O esquema acima apresenta a hierarquia do desenvolvimento dos sistemas de linguagem da criança surda. A criança deverá ter adquirido a experiência, antes que a palavra possa ter significado. Na criança surda todos os sistemas de linguagem de

experiências a serem associadas a elas, somente podem ser alcançadas mediante muito esforço de ambas as partes: do professor e da criança. Portanto a linguagem expressiva seria enfatizado somente depois que um mínimo de linguagem interna e receptiva tenham sido atingidas.

2.5 JOGOS QUE PROMOVEM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Os jogos que desenvolvem a fala e desempenham um papel importante no período pré-escolar e escolar não desenvolvem por si só a fala. Por isso tais jogos não são brinquedos no sentido usual do termo. Não servem para manter a criança apenas ocupada. Sua função é a de auxiliar a criança a adquirir a habilidade da fala, o que somente será possível, se a criança tiver um companheiro nos jogos. Sem a presença da mãe ou do professor no caso, estes jogos não teriam significado para desenvolver a linguagem. Não cumprem sua finalidade, se forem entregues a criança sozinha, pois neste caso, a criança deficiente auditiva ficaria privada do elemento principal do jogo, que é alguém que fala com ela; de uma pessoa para manter um contato verbal.

Estabelecer este contato verbal e mantê-lo pelo maior tempo possível é justamente a função principal do jogo. Além disso, os jogos somente preenchem sua função se forem usados diariamente. A duração com cada jogo varia muito. Depende da idade da criança, de sua vontade de participar, de sua capacidade de concentração e do seu estado de saúde. A medida que for ficando maior, a criança terá mais vontade de participar e mais atenção.

As vezes, a vontade de participar, demonstrada por uma criança deficiente auditiva depende também da atitude de seu companheiro de jogo, se a gente tem prazer em jogar, a criança também o terá. Ao contrário, se o companheiro não demonstrou prazer, apenas cumpre a tarefa, também a criança não encontrará prazer nem interesse pelo jogo. Além dos jogos para desenvolver a linguagem, a criança deficiente auditiva precisa brincar também com outros brinquedos apropriados à sua idade, a fim de desabrochar suas capacidades psíquicas e mentais.

2.6 - JOGOS PREPARATÓRIOS PARA A APRENDIZAGEM DA FALA EM

CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS NO PERÍODO PRÉ-ESCOLAR:

O processo da fala inicia em idades diferentes, algumas começam a falar cedo, outras demoram mais para iniciar o falar. O mesmo sucede com crianças deficientes auditivas, algumas, mesmo com prejuízos maiores de audição, chegam a iniciar o processo da fala mais cedo do que outros. Os jogos a serem propostos tem a finalidade primordial de ajudar a criança deficiente auditiva em fase pré-escolar, a conseguir a mais ampla compreensão e aquisição da linguagem. Se os jogos são realizados com paciência e persistência, muito cedo os pais terão o prazer de ver seu filho, mesmo deficiente auditivo, emitindo a linguagem. A criança na maioria das vezes fazem a imitação correta dos movimentos da boca, mas não emitem som. Elas estão prontas para falar, querem falar, mas não chegam sozinhas a fazer uso da voz.

Na aprendizagem da fala, não se pode apressar, nem forçar, cada criança tem seu período de desabrochar para a linguagem. Não se pode pretender de uma criança deficiente auditiva que fale após algumas semanas de treinamento. Deve-se ao máximo esforçar-se fazendo com que a criança se comunique através da fala. Para isso, é utilizado com muita freqüência, jogos apropriados, pois quanto mais o fizer, mais cedo ver-se-á a criança pronunciar as primeiras palavras e pequenas frases e tanto mais cedo conseguirá falar por imitações.

Sempre que se trabalhar com a criança através de atividades lúdicas, realizar em clima de alegria, fazendo assim com que a criança sintasse-se segura e gratificada em sua companhia, nunca esquecendo de usar a voz para expressar essa alegria.

Também a criança com perda de audição, usando aparelho, tem possibilidade de ouvir sua própria voz, o que o estimulará a fazer uso da mesma para se comunicar, ainda que palavras mal articuladas, mas não importa, pois está tentando comunicar e se fazer entender. Para que ocorra a fala, tres objeti-

- 1) - O uso correto do aparelho fonador dos órgãos da fala.
- 2) - A respiração correta.
- 3) - Atenção consciente.

Estes objetivos podem ser alcançados com o uso de uma série de pequenos jogos, que serão descritos logo a seguir.

A ação de falar de toda pessoa consiste na ação conjugada e harmoniosa da respiração, da voz e do trabalho dos órgãos fonadores. Daí, porque os jogos preparatórios da fala devem exercitar a emissão da voz, a respiração e os movimentos dos órgãos da fala. É conveniente iniciar com exercícios respiratórios. Estes podem ser feitos de muitas maneiras e, em geral, a criança tem prazer nesses exercícios.

2.7 A IMPORTÂNCIA DA RESPIRAÇÃO:

Seu objetivo é o de treinar a criança deficiente auditiva o expirar devagar o ar, que inspirou. Observa-se em muitas crianças uma respiração mal feita. Elas respiram muito depressa, pois não sabem que se pode economizar o ar a ser expirado e que, para falar, isto é necessário. Abaixo segue alguns exercícios:

SOPRANDO PENAS:

Para isso, precisa-se de uma pena colocada sobre a mesa. O professor brinca com a criança sentando num lado da mesa e a criança fica de pé no outro lado. O professor começa a soprar depois que inspirou o ar profundamente. Devagar e num longo expirar, o professor sopra a pena em direção a criança, e depois é a vez da criança. Ela deve inspirar bem e soprar a pena em direção ao professor, sendo assim a pena vai e volta.

O importante neste jogo é que se tenha o cuidado de , ao soprar manter a pena sobre a mesa. A pena não deve cair, sendo assim quem deixá-la cair perde o jogo.

SOPRANDO VELA:

Soprar velas é um jogo que as crianças em geral apreciam muito. De uma distância de 20 cm. aproximadamente, sopra-se uma vela sem apagá-la, fazendo apenas a chama tremer.

SOPRANDO UM BALÃO COLORIDO:

A criança deve ser motivada a encher um balão de ar colorido. Antes de se romper, pode-se soltar o ar outra vez , a fim de utilizá-lo mais vezes. No entanto, se a criança tiver prazer em estourar o balão, deve-se deixar que ela o encha de

SOPRANDO SACO DE PAPEL:

Como acontece com os balões de ar coloridos, pode-se fazer o mesmo também com sacos de papel.

Finalmente, ensina-se a criança a expirar deixando-a embassar um espelho com sua corrente respiratória.

2.8 - A IMPORTÂNCIA DA EMISSÃO DA VOZ:

Sua função é a de ensinar a criança a usar conscientemente sua voz. Uma criança com perda auditiva tem dificuldades para aprender a falar, porque não ouve, ou pelo menos, ouve imperfeitamente a voz das outras pessoas. A criança deficientemente auditiva possui voz da mesma forma que possui aparelho fonador, mas nem sempre o timbre da voz é aceitável; as vezes é fanho, quanto mais alto o timbre, tanto mais fraca e inteligível é a voz. Falta-lhe a força e a ressonância.

Com auxílio de treinos respiratórios e vocábulos, é possível desde cedo educar a voz e dar-lhe uma normal postação. Muitas crianças deficientes auditivas gostam de fazer uso da voz até mesmo quando os sons emitidos não tem nenhuma significação para nós. Elas estão em condições de sentir as vibrações produzidas na laringe, sendo que as vezes ocorre que as mesmas, possuem resíduos auditivos e conseguem ouvir sua voz. Como a criança com disposição está mais predisposta a isto, parece que o jogo e a brincadeira é o caminho mais seguro. Segue abaixo um jogo que irá auxiliar na emissão da voz:

Pede-se a uma criança que diga "a", insistindo para que pronuncie prolongadamente "aaaa...." o mais que puder. Enquanto a criança vai emitindo esse som, vai se andando de um lado a outro pela sala.

Quando a criança parar de emitir o som, pára-se de caminhar e ela volta ao seu lugar.

Quando a criança recomeçar dizendo "aaaa..." recomeça-se a andar. O objetivo é fazer com que a criança deficientemente auditiva ganhe força e consiga emitir este som "a" demoradamente. Desta forma, aprende a emitir o som e a usar racionalmente o ar que vai expirando. Caso a criança não consiga emitir o "a", fazer com que a mesma olhe para a boca do professor e ao mesmo tempo apalpe o pescoço para sentir a vibração das cordas vocais e da laringe. Outro recurso é o de cantar pequenas canções ao ouvido da criança, fazendo com que a

2.9 - A IMPORTÂNCIA DOS ORGÃOS DO APARELHO FONADOR:

Os órgãos da articulação são os órgãos da mastigação e deglutição adaptados para os objetivos da fala.

Seguindo a divisão anatômica dos órgãos, podemos distinguir: cavidade oral (formações ósseas, região labial, região geniana, região palatina, região lingual e região gengivo-dental), e cavidade nasal (fossas nasais, faringe, laringe, brônquios, bronquíolos, alvéolos pulmonares e o diafragma.

Para que ocorra a emissão dos fonemas é necessário que o aparelho fonador, esteja íntegro e funcionando perfeitamente. Para uma criança deficiente auditiva é muito difícil a emissão dos fonemas. Por isso é realizado exercícios fonoarticulatórios, com a finalidade principal de exercitar e tornar mais flexíveis os órgãos fonadores. É preciso ter o cuidado de a criança não ficar tensa, mas, ao contrário de descontraí-la.

3 - ATIVIDADES LÚDICAS PROPOSTAS

JOGO Nº 1: OS BALÕES COLORIDOS:

Material: cartolina branca, canetas hidrocor, lápis de cor, uma mesa e duas cadeiras.

Preparação: Montar quatro cartões grandes, sendo cada um composto com seis balões coloridos.

JOGO Nº 2: QUEBRA - CABEÇA:

Material: Gravuras conhecidas da criança, tesoura, cola, lápis de cor, canetas hidrocor, cartolina branca.

Preparação: Pega-se as gravuras conhecidas da criança, corta-as em duas partes e cola as mesmas sobre a cartolina, devendo-se por último pintá-las.

JOGO Nº 3: JOGO DO MICO:

Material: Cartolina branca, carimbos pedagógicos, lápis de cor, tesoura.

Preparação: Corta-se a cartolina em quadrados iguais; Carimba-se em uma cartolina, a figura que será trabalhada, e em outra a representação gráfica da mesma.

JOGO Nº 4: O QUE SAIRÁ DALI ?

Material: 1 boneca, 1 pedra, 1 lenço e 1 pedaço de esparadrapo.

JOGO Nº 5: CARA OU COROA:

Material: cartolina branca e giz de cêra colorido.

Preparação: Desenhar na cartolina uma máscara indicadora de alegria e em outra cartolina, uma máscara indicadora de tristeza.

JOGO Nº 6: SURPRESA !

Material: Quadro - negro e giz colorido.

Preparação: Quadro - negro limpo e giz colorido.

JOGO Nº 7: QUEM SOU EU ?

Material: cartolina branca e giz de cêra colorido.

Preparação: Corta-se a cartolina em quadrados iguais, em forma de fichas e em cada quadrado, desenhar um sinal de pontuação.

JOGO Nº 8: DOMINÓ

Material: Cartolina branca, canetas hidrocor, carimbos pedagógicos e lápis de cor.

Preparação: Cortar a cartolina em forma de retângulo, e depois carimbar em cima figuras relacionadas a animais, frutas e depois pintá-las.

JOGO Nº 9: CORRIDA MALUCA:

Preparação: Desenhar na cartolina com a caneta hidrocor uma pista de corrida. Dividir em quadrados a pista e carimbar as figuras que estão sendo trabalhadas com a criança.

JOGO Nº 10: MEMÓRIA

Material: Cartolina branca, caneta hidrocor, tesoura e gravuras que estão sendo trabalhadas no momento com a criança.

Preparação: Cortar a cartolina em quadrados, e nesses quadrados desenhar as gravuras conhecidas da criança.

4 - METODOLOGIAJOGO Nº 1: OS BALÕES COLORIDOS

Objetivo: Tornar o sujeito apto a reconhecer e classificar os objetos conforme as cores.

Desenvolvimento: Prepara-se este jogo com um quadro demonstrativo que está colocado sobre a mesa em frente ao sujeito. O terapeuta toma um balão qualquer, segura-o perto de sua boca e vocaliza o nome da cor, antes de colocá-lo sobre o balão igualmente desenhado no quadro demonstrativo. O terapeuta repete o exemplo duas a três vezes, sendo em seguida realizado pelo sujeito. Desenvolver o jogo, nunca esquecendo da vocalização que deve ser permanente, tanto do terapeuta, como do próprio sujeito.

JOGO Nº 2: QUEBRA - CABEÇA

Objetivo: - Desenvolver o raciocínio, compreensão e estimular a fala.

Desenvolvimento: Depois de preparado o jogo, o terapeuta embaralha as peças do quebra - cabeça e o sujeito deverá aos poucos montar as gravuras, sendo que as mesmas devem ser do conhecimento da mesma, que podem variar desde animais, peças do vestuário até alimentação.

Depois de montada a figura, o sujeito deverá demonstrar conhecimento da mesma e vocalizá-la.

JOGO Nº 3: JOGO DO MICO

Objetivo: Associar a compreensão da imagem gráfica com a escrita e estimular a emissão oral.

denar a imagem da figura com a sua representação gráfica, não esquecendo de vocalizá-la, ganha o jogo aquele que tiver terminado antes os cartões de cartolina.

JOGO Nº 4: O QUE SAIRÁ DALI ?

Objetivo: Exercitação da linguagem oral, através da dramatização.

Desenvolvimento: O terapeuta deverá dramatizar uma história, utilizando o material que já foi mencionado anteriormente, enfatizado os fonemas e palavras que se quer.

Depois de dramatizada algumas vezes o sujeito deverá tentar reproduzir.

JOGO Nº 5: CARA OU COROA

Objetivo: Aprimoramento da expressão oral, pelo emprego dos recursos da entonação.

Desenvolvimento: O Terapeuta pega as duas máscaras e coloca-as virada para o chão. O sujeito deverá levantar uma de cada vez, elaborando assim, uma sentença que expressa tal sentimento e vice-versa. Não esquecendo do emprego da entonação.

JOGO Nº 6: SURPRESA !

Objetivo: Aperfeiçoamento da expressão oral e noção de formas.

nome da figura e apontar na sala onde haverá objetos que tenham a mesma forma. Depois do círculo, o terapeuta deverá seguir o mesmo procedimento, mas com outras figuras geométricas, de acordo com o desenvolvimento do sujeito.

JOGO Nº 7: QUEM SOU EU ?

Objetivo: Aprimoramento da expressão oral através do emprego da entonação.

Desenvolvimento: O terapeuta deverá escrever em cada ficha, um sinal de pontuação. O sujeito deverá tirar uma ficha de cada vez e conforme a pontuação, a mesma deverá formular uma frase dando a devida entonação.

JOGO Nº 8: DOMINÓ

Objetivo: Estimular a vocalização e a compreensão da figura amostra.

Desenvolvimento: Depois de elaborado o jogo, o terapeuta embaralha as figuras e divide-as entre ele e o sujeito. Depois de dada as fichas, começa-se o jogo. Cada figura colocada, tanto o sujeito, como o terapeuta deverão vocalizar o nome da mesma e mostrar compreensão da figura. Ganha o que terminar as fichas por primeiro.

JOGO Nº 9: CORRIDA MALUCA

Objetivo: Aprimoramento da expressão oral.

dos botões. Tanto o sujeito, como o terapeuta irão manusear o dado, sendo que seja qual for o quadrado em que o dado cair, o sujeito deverá vocalizar e ter compreensão da figura amostra. Ganha quem chegar primeiro ao final do jogo.

JOGO Nº 10: MEMÓRIA
=====

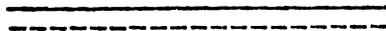
Objetivo: Estimular o desenvolvimento da memória, do raciocínio e da emissão oral.

Dsenvolvimento: Depois de elaborado o jogo, o terapeuta embaralha as figuras no centro. O sujeito deverá montar os pares, sendo que cada par montado, o mesmo deverá vocalizar e mostrar compreensão da figura.

5 - CONCLUSÃO

Dentro da literatura universal, podemos constatar que o processo linguístico, decorre de um mecanismo hierárquico, no qual não se realizam em todos os sujeitos da mesma forma e na mesma época. Em sua variação intervêm fatores hereditários, condições orgânicas individuais e influências ambientais. Este mecanismo por sua vez é composto por fases do desenvolvimento linguístico, sendo que em um sujeito portador de deficiência auditiva, este processo normalmente sofre alguma falha em uma de suas fases, acarretando em uma alteração dos níveis seguintes. O jogo possui um papel muito importante, pois tem a finalidade primordial de ajudar o sujeito deficiente auditivo em fase pré-escolar, a conseguir a mais ampla compreensão e aquisição da linguagem.

No meu trabalho diário, tenho observado que o rendimento dos sujeitos, crece quando as atividades propostas são de fundo lúdico. Pois foi pensando num maior rendimento do sujeito deficiente auditivo que sentiu-se uma necessidade de se adaptar uma nova metodologia que suprisse as dificuldades do método tradicional.



___ AUFAUVRE, Marie Renée "Aprender a brincar; aprender a viver." (São Paulo - Monole, 1987) 356 pg.

___ BAGATINI, Wilson "Educação Física para deficientes." (Porto Alegre - Sagra) 1987) 359 pg.

___ BEHRMANN, Polly "Actividades para el desarrollo de la percepción auditiva." (Buenos Aires * Médica Panamericana, 1978) 71 pg.

___ BENJAMIN, Walter "Reflexões: A criança, o brincar, a educação." (São Paulo - Sumus - 1984) 119 pg.

___ BOMTEMPO, Edda et Alii "Psicologia do Brinquedo" (São Paulo - Nova Stella) 1986) 204 pg.

___ DIATKINE & LELOREICI, "Significado e Função do Brinquedo na Criança." (Porto Alegre - Artes Médicas - 1986) 63 pg.

PICCOLOTTO, Léslie e Alii....." A Comunicação em Jo-

___ LOWE, Armin....."Jogos Educativos." (Florianópolis - U.F.S.C. - 1985) 206 pg.

___ WINNICOTT, D.W....."O Brincar & a Realidade."
(Rio de Janeiro - Imago - 1975) 203 pg.

___ JOHNSON, Doris J. et MYKELBUST, Helmer R.
"Distúrbios de Aprendizagem." (São Paulo - Pioneira - 1983)
381 pg.

=====
=====